

Um mergulho íntimo na psicologia russa do século 19

A partir da crítica sutil e irônica do universo de classe média na Rússia Imperial, Tolstói vai ao extremo da mente de seu protagonista e de sua crise existencial

Após se consagrar com a publicação de longos romances, entre os quais *Guerra e paz* (1863–1869) e *Anna Kariênina* (1873–1878), Tolstói publica, em 1886, *A morte de Ivan Ilitch*, que integra uma série de textos breves que o autor produziu por volta de seus 50 anos.

Nessa concisa narrativa, o escritor russo detém-se sobre a “corriqueira”, e por isso mesmo “terrível”, vida de um funcionário público médio, preenchida por ambições mesquinhas e relações regidas por interesses e conveniências. É apenas a partir do distanciamento, que a iminência da morte lhe impõe, que Ivan Ilitch torna-se capaz de reavaliar a vida que levou até então. Diante do seu inevitável fim, o protagonista não enxerga mais sentido nos seus esforços infintos para seguir à risca os protocolos sociais e adequar-se ao mundo das aparências. Percebe como suas escolhas priorizaram aquilo que se esperava de um homem que ocupava sua posição social, mas que muitas delas não foram mais do que fontes de aborrecimento, em nada contribuindo para sua verdadeira felicidade.

Através da existência medíocre de Ivan Ilitch, o romance tece uma crítica sutil, salpicada com amaciada ironia, que expõe as futilidades e pequenezas da classe média na Rússia Imperial. Mas, no longo caminho da mediocridade cotidiana à morte solitária, a narrativa se esvai da preocupação comezinha e atinge algo sublime nas reflexões da personagem. Assim, saímos sutilmente do universo cotidiano, mesquinho, ganancioso e pretensioso das repartições, para irmos, paulatinamente, ao mais íntimo psicológico de Ivan Ilitch.



Título *A morte de Ivan Ilitch*

Autor Lev Tolstói

Tradutor Irineu Franco Perpetuo

Editora Hedra

ISBN 978-85-7715-894-2

Pág. 100

Pré-venda XXXXXXX

Lançamento XXXXXXX

Preço R\$ XXXXXXX

Sobre o autor

Lev Tolstói (1828–1910), tido como um dos mais importantes e influentes escritores do seu tempo, foi o principal representante do realismo russo. Ainda menino, perdeu ambos os pais, sendo educado por tutores e depois por uma tia. Em 1845, ingressou na Universidade de Kazan, mas não chegou a concluí-la, sendo, no fim das contas, um autodidata — era conhecedor de muitas línguas e filosofias. Seu primeiro texto, *Infância*, saiu em 1852 na revista *O contemporâneo*. Após seu casamento com Sófia Andréievna em 1862, deu-se início a fase de seus longos romances, de *Guerra e paz* (1863–1869) até *Anna Kariênina* (1873–1878). Seu último romance foi *Ressurreição* (1889). Embora seja considerado “o mestre insuperado do gênero que se costumou chamar romance psicológico do século 19”, também aventurou-se por outros formatos, como contos breves, diários e escritos teóricos sobre pedagogia, arte e religião. Na década de 1880, Tolstói viveu uma fase que ele próprio definiu como sua *redenção moral*. Foi nessa época que sistematizou uma série de preceitos filosóficos e religiosos que, reunidos, passaram a ser conhecidos como tolstoísmo, doutrina baseada no cristianismo, mas acrescida de outras concepções, que repercutiu no mundo todo e fez com que Tolstói fosse excomungado da Igreja Ortodoxa.

Sobre o tradutor

Irineu Franco Perpetuo é jornalista, tradutor e crítico de música. Autor, entre outros, de *História concisa da música clássica brasileira* (Alameda editorial, 2018). Entre suas traduções, consta *Vida e Destino*, de Vassili Grossman (Ed. Alfaguara, 2014, Prêmio Jabuti de Tradução).

Trechos do livro

- Exigia da vida familiar apenas o jantar doméstico, a dona de casa, o leito, confortos que ela podia lhe proporcionar e, principalmente, a decência na aparência externa, que determinava a opinião da sociedade. (p. 36)
- Na verdade, havia ali o que acontece com todas pessoas que não são ricas de verdade, mas querem parecer ricas e, dessa forma, só se parecem umas com as outras: damasco, ébano, flores, tapetes e bronzes, escuros e brilhantes — tudo que todas as pessoas de um determinado tipo fazem para se parecer com todas as pessoas de um determinado tipo. No caso dele, tudo era tão imitativo que nem chamava a atenção; para Ivan Ilitch, porém, parecia muito especial. (p. 42)
- Mas o que é isso? Por quê? Não pode ser. Não pode ser que a vida tenha sido tão sem sentido e abjeta. E se ela foi apenas tão abjeta e sem sentido, então por que morrer, e morrer no sofrimento? Alguma coisa não bate. “Talvez eu não tenha vivido como deveria” — passou-lhe de repente pela cabeça. (p. 81)
- Veio-lhe à mente que aquilo que antes parecia uma completa impossibilidade, que não tivesse passado a vida como devia, pudesse ser verdade. Veio-lhe à mente que suas intenções quase imperceptíveis de lutar contra aquilo que as pessoas de posição elevada consideravam bom, que ele imediatamente afastava de si, essas intenções é que podiam ser a realidade, e todo o resto era impróprio. Seu trabalho, a organização de sua vida, sua família, os interesses da sociedade e do serviço, tudo isso podia ser impróprio. Tentou defender tudo aquilo perante si mesmo. E, de repente, sentiu toda a debilidade do que defendia. Não havia nada a defender. (p. 88)